

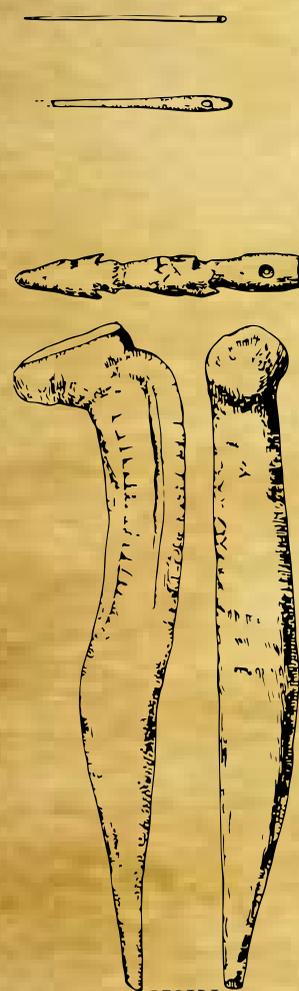
O AMBIENTE PRÉ-HISTÓRICO E A ORIGEM DA CIDADE

O Paleolítico é a primeira fase da Idade da Pedra, que vai de 2 milhões a.C. até 10 mil a.C. Este período da pré-história é caracterizado pela fabricação de ferramentas (machados, lanças, cajados, facas e etc.) e outros objetos de pedra, ossos e madeira. A vida neste período baseava-se na caça de animais, pesca e coleta de alimentos.

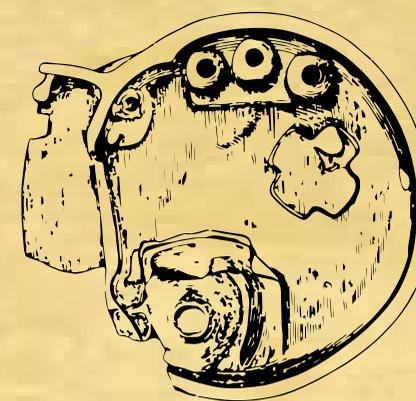
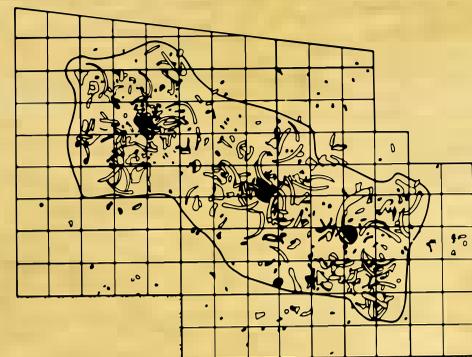
O homem neste período era nômade, e isso influenciou na sua forma de construir. As construções vernáculas eram muito utilizadas, pois esse tipo de construção é mais extintivo e no período Paleolítico não existiam as técnicas de construção que conhecemos atualmente.



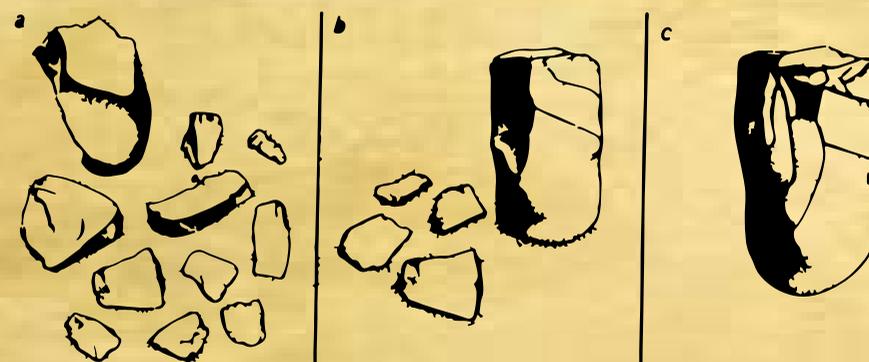
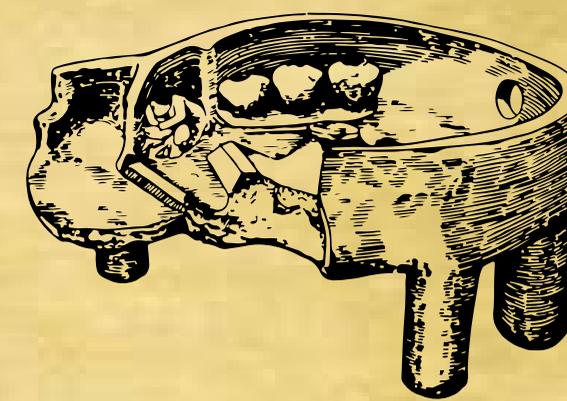
A vida dos homens primitivos, numa ilustração do Tratado de Vitruvius editado na França em 1547.



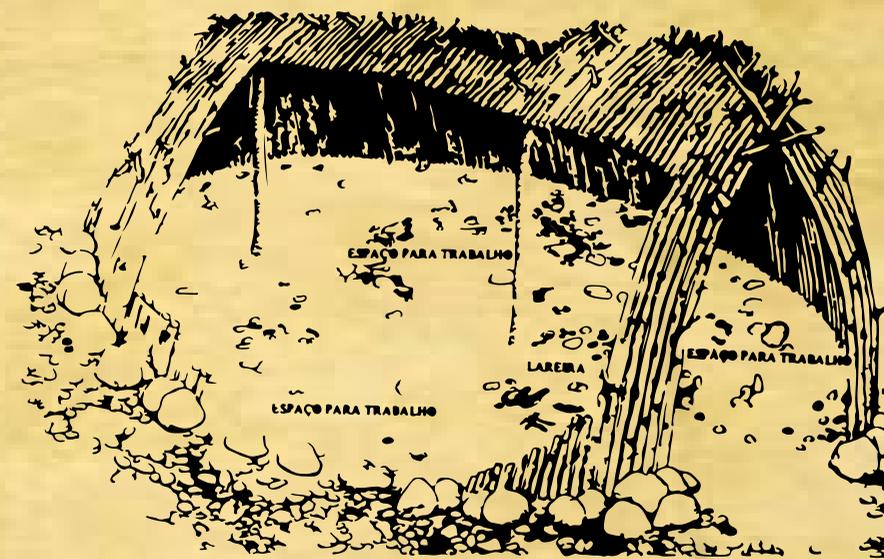
Quatro utensílios de osso, do período paleolítico, encontrados na Europa Setentrional.



Modelo em terracota de uma cabana neolítica em Popúdnia na Ucrânia; percebem-se o pórtico, o forno, os vasos para o trigo, um estrado em forma de cruz e a mó; cerca de 2000 a.C.



Uma pedra lascada encontrada por seus moradores, recomposta por arqueólogos. É a primeira obra de edificação até agora conhecida, que reconta há cerca de trezentos mil anos.



Uma habitação paleolítica descoberta em Terra Amata, nos arredores de Nice.

Um livro que aborda arquiteturas vernaculares brasileiras de uma forma bem acessível é o “Manual do Arquiteto Descalço” do Johan Van Lengen.

Para estudar a habitação primitiva, os arqueólogos modernos utilizam como material principal resíduos da atividade humana, como sobras de alimentos, fragmentos provenientes do trabalho das pedras e madeira.

Assim, temos imagens mais realistas relacionadas a esse período. Os antigos ilustradores acabavam inventando pois não tinha documentos suficientes para utilizar como base de seus estudos sobre o período Paleolítico.

* O termo “vernáculo” é mais utilizado relacionado à linguagem, definindo o idioma que é o próprio de uma região, sem sofrer a influência de estrangeirismo.

Em construções vernáculas, o homem utiliza materiais que estão disponíveis na natureza e vai usando seu extinto até alcançar uma construção que atenda suas necessidades.

No Brasil, esse tipo de arquitetura é encontrada com facilidade nas aldeias de povos indígenas, pois é onde estão fortemente presentes os princípios que a caracterizam.

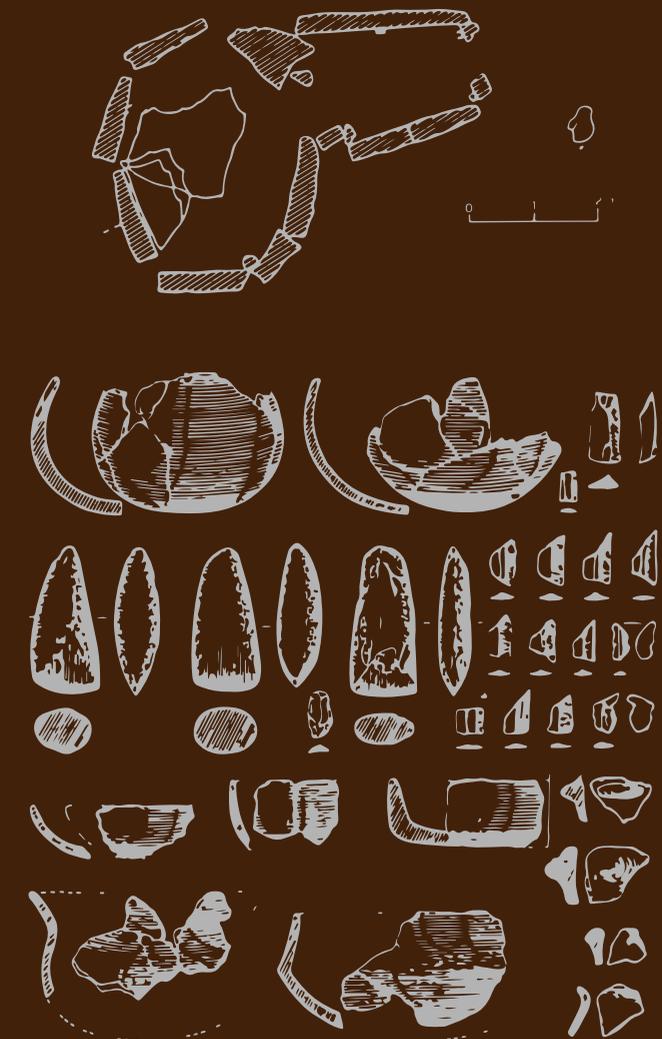
Características da arquitetura vernácula:

- Essa arquitetura tem como objetivo atender as necessidades das pessoas e do grupo, e não alcançar um objetivo estético;
- É uma arquitetura mínima, sem excessos, é racionalizada para o tamanho da mão de obra disponível;
- Está ligada ao local de implantação e adaptada ao microclima local;
- Conhecimentos construtivos são transmitidos como uma tradição por serem métodos práticos.

No período Paleolítico, o ambiente não era apenas um abrigo na natureza, mas um fragmento dela que foi transformado segundo um PROJETO humano. Projeto que era criado de uma forma extintiva (arquitetura vernácula).

Exemplos:

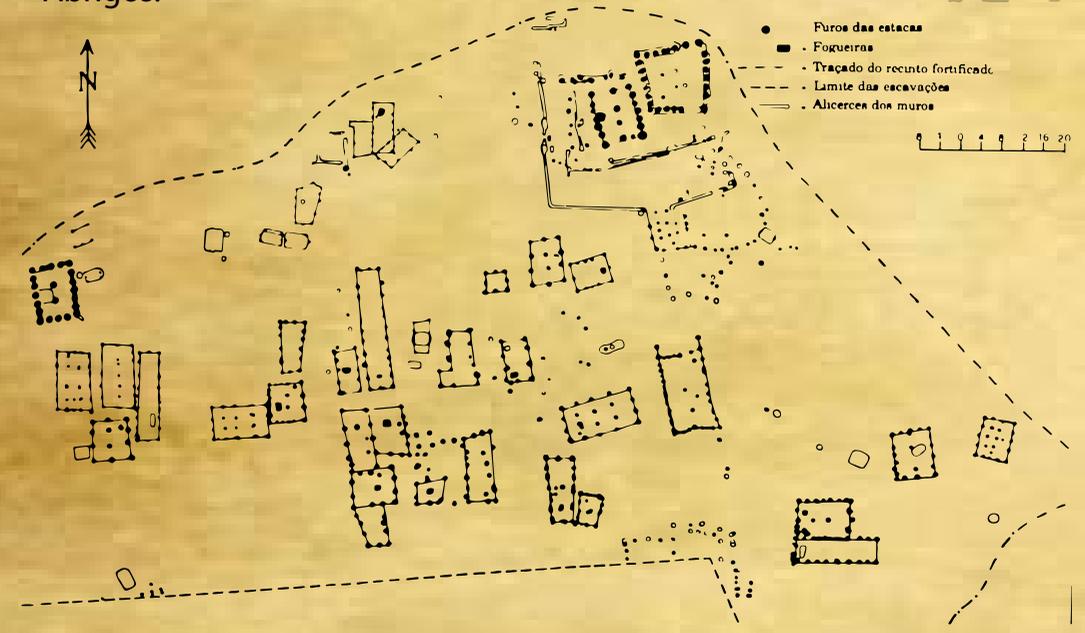
- Depósitos de alimentos para longos períodos;
- Utensílios para cultivo, culto e ornamentação;
- Abrigos.



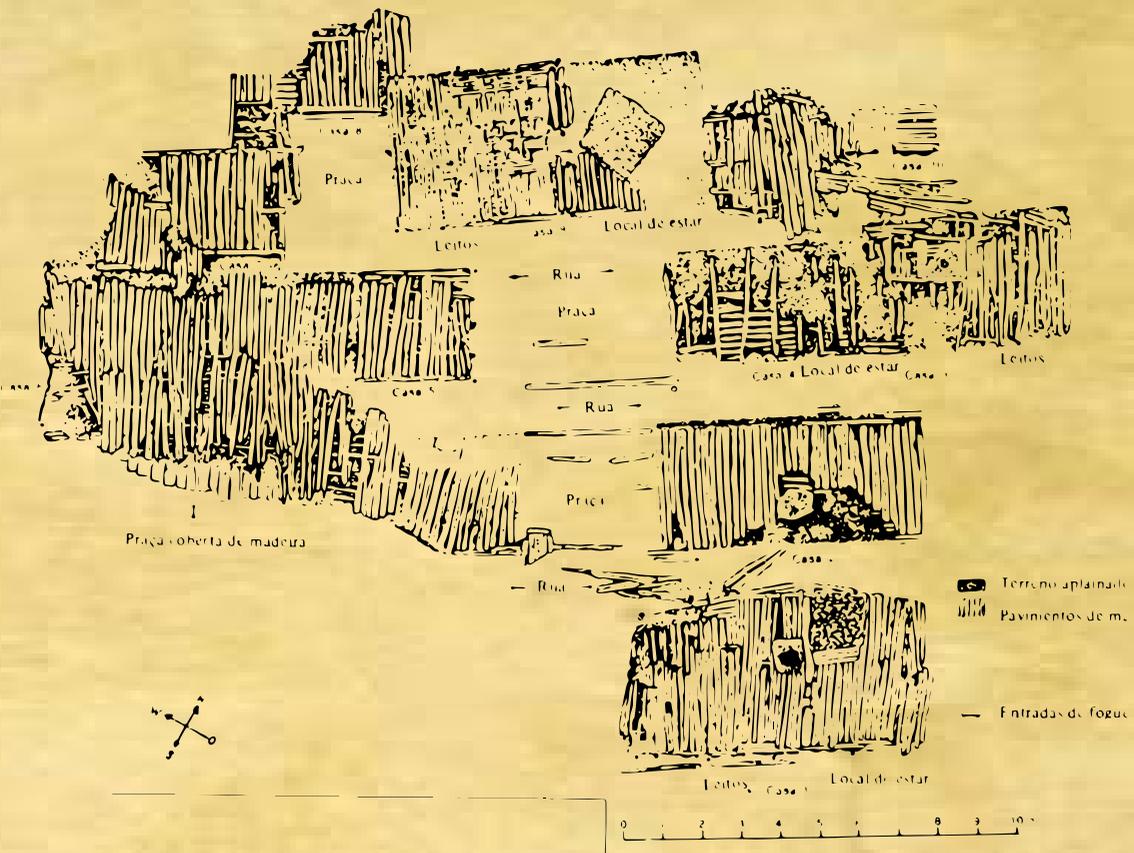
Plano de uma tumba neolítica no Alentejo, na Espanha, com seus ornamentos fúnebres; vasos e instrumentos de corte, em escala a 1/5 do natural; objetos de sílex, em escala 2/5 do natural (cerca de 1500 a.C.).



Plano da aldeia de Montagnola em Filicudi, uma das Ilhas Eólicas (cerca de 1500 a.C.).



Planta da aldeia neolítica de Hallstatt na Alemanha.



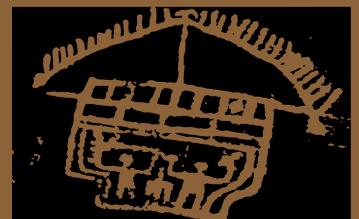
Plano e reconstrução da aldeia neolítica de Aichbühlim Federseemoor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C.)



Etnólogos estudam, então, as sociedades que vivem e atualmente de forma parecida, com economia e instrumento neolítico. Eles pertencem a uma história diferente que convive com povos civilizados.



Uma aldeia índia na Flórida; gravura de Teodoro de Bry, de cerca de 1590 d.C.



Dois grafitos de Val Camonica - de idade pré-romana - com figuras de habitações de madeira.



Plano da aldeia de Montagnola em Filicudi, uma das Ilhas Eólicas (cerca de 1500 a.C.).



Uma aldeia contemporânea em Camões (África).

ORIGEM E EVOLUÇÃO DAS CIDADES

A cidade, centro motor desta evolução nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Sendo assim, a cidade não só é maior do que a aldeia, mas se transforma com uma velocidade muito superior.

Ela se forma quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total, ou seja, vivem da sobra.

Nasce, assim, o contraste entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos. Conseqüentemente as indústrias e os serviços já podem se desenvolver através da especialização, e a produção agrícola pode crescer utilizando esses serviços e esses instrumentos. A sociedade se torna capaz de evoluir e de projetar a sua evolução.

1. Campo - onde é produzido o excedente
2. Cidade - onde é distribuído o excedente



Casas na aldeia neolítica de Hacilar, na Turquia; cerca de 5000 a.C. Toda casa compreende um amplo vão, sustentado por colunas de madeira e dividido por tabiques leves. A escada à direita leva a um andar superior, destinado, talvez, a servir de água-furtada ou terraço.

Revolução Agrícola no Período Neolítico

O período neolítico (8 mil a.C. a 5 mil a.C.) é marcado pelo fenômeno que ficou denominado primeira revolução agrícola.

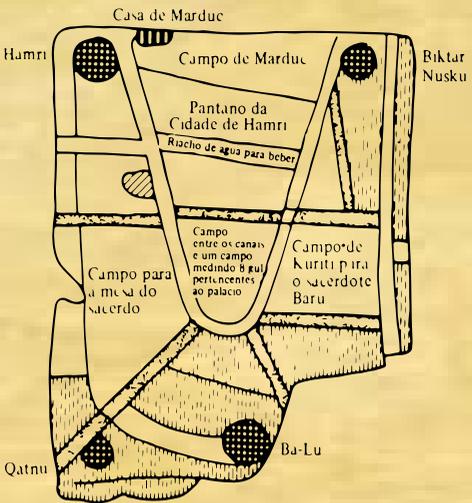
É nesse período da história da humanidade que o homem descobre o fogo. A descoberta possibilita o início do controle de técnicas para dominar a produção de alimentos.

As ferramentas rústicas do período paleolítico são aperfeiçoadas para a atividade agrícola. É por isso que essa fase também é denominada Revolução Neolítica.

Além da agricultura, o homem passa a dominar a criação de animais. Os dois fatores são decisivos para a redução dos deslocamentos em busca de água e alimentos. Até então, as tribos eram essencialmente nômades, caçadoras e coletoras.



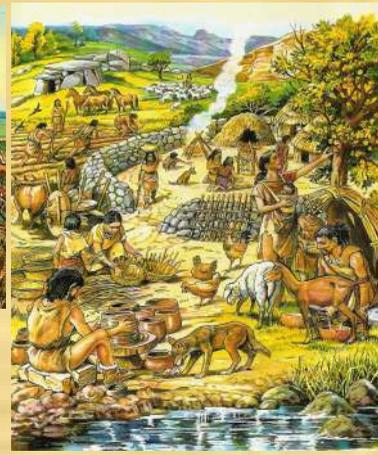
A vegetação natural do Oriente Próximo, após o fim da era glacial e antes da colonização agrícola. Os oásis ao longo do curso do Nilo, do Tigre e do Eufrates tornar-se-ão as primeiras sedes da civilização urbana, no IV milênio a.C.



Outra tabuinha encontrada em Nipur, com a planimetria de uma parte do território.



A agricultura e a domesticação de animais acentuaram a divisão do trabalho já existente. As mulheres, que até então se ocupavam da coleta, passaram a dedicar-lhe também ao cultivo e à colheita de vegetais.



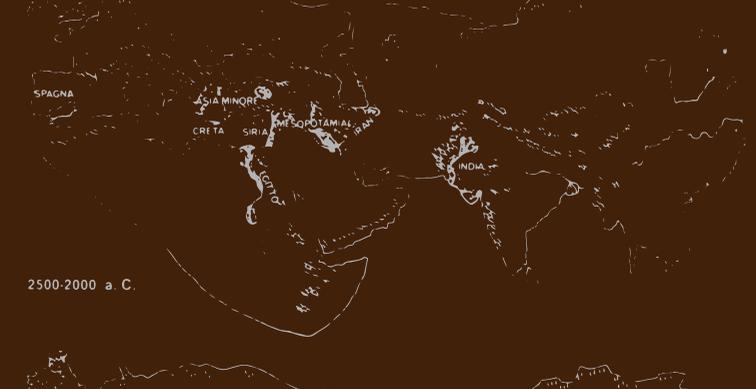
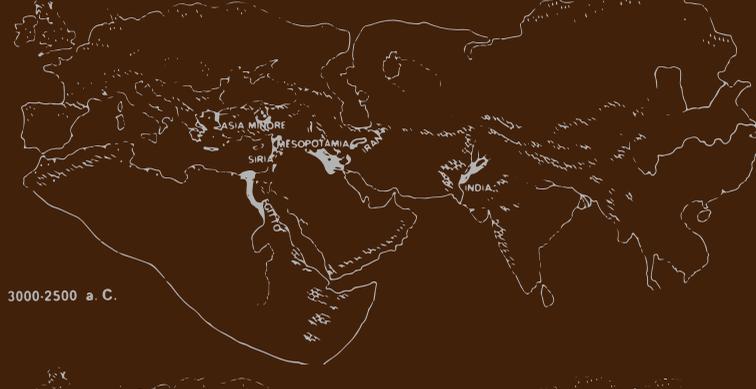
Revolução Urbana no Período Neolítico

O continente europeu passou a contar com temperaturas mais amenas e observamos a formação do Deserto do Saara, na África.

A prática da caça e da coleta se tornaram opções cada vez mais difíceis. A agricultura e o conseqüente processo de sedentarização do homem se estabeleceram gradualmente. Além disso, a domesticação animal se tornou uma prática usual entre os grupos humanos que se formavam nesse período. A estabilidade obtida por essas novas técnicas de domínio da natureza e dos animais também possibilitou a formação de grandes aglomerados populacionais.

Novas formas de organização social surgiam e, assim, as primeiras instituições políticas do homem podem ter sido formadas nessa mesma época. A criação e o abandono de formas coletivas de organização socioeconômicas podem ser vislumbrados no Neolítico. Conforme alguns pesquisadores, as primeiras sociedades complexas, criadas em torno da emergência de líderes tribais ou a organização de um Estado, são frutos dessas transformações.

O desenvolvimento da civilização urbana de 3500 a 1500 a.C.



MESOPOTÂMIA

O excedente se concentra nas mãos dos governantes das cidades, representantes do deus local; nesta qualidade recebem os rendimentos de parte das terras comuns, a maior parte dos despojos de guerra, e administram estas riquezas acumulando as provisões alimentares para toda a população, fabricando ou importando os utensílios de pedra e metal para o trabalho e para a guerra.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

As cidades da Mesopotâmia formam outros tantos Estados independentes, que lutam entrem si para repartir a planície irrigada por dois rios, então completamente colonizadas.

Estes conflitos limitam o desenvolvimento econômico, e só terminam quando o chefe de uma cidade adquire tal poder que impõe seu domínio sobre toda a região.

Porém toda decisão tomada tem suas consequências físicas e, diante de tais empreendimentos, são elas:

1. A fundação de novas cidades residenciais, onde a estrutura dominante não é o templo, mas o palácio do rei.
2. A ampliação de algumas cidades que se tornam capitais de um império, e onde se concentram não só o poder político, mas também os tráficos comerciais e o instrumental de um mundo muito maior. São as primeiras supercidades, as metrópoles de dimensões comparáveis às modernas, que durante muito tempo compareceram com símbolos e protótipos de toda grande concentração humana, com seus méritos e seus defeitos.

CONSTRUÇÕES

Muros circundantes, armazéns – com sua provisão de tabuinhas escritas em caracteres cuneiformes –, templos dos deuses – que se erguem sobre o nível uniforme da planície com seus terraços e as pirâmides em degraus. As obras e as casas de pessoas comuns são construídas de tijolos e argila. Conseqüentemente essas construções, com o tempo, desmoronam e acabam sendo incorporadas novamente ao terreno.

CIDADES SUMERIANAS

“Terra de reis civilizados” ou “terra nativa foi uma antiga civilização e o nome dado à região histórica habitada por essa civilização, no sul da Mesopotâmia.

Construções

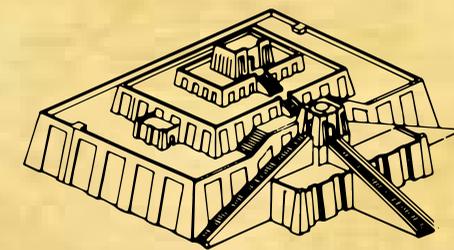
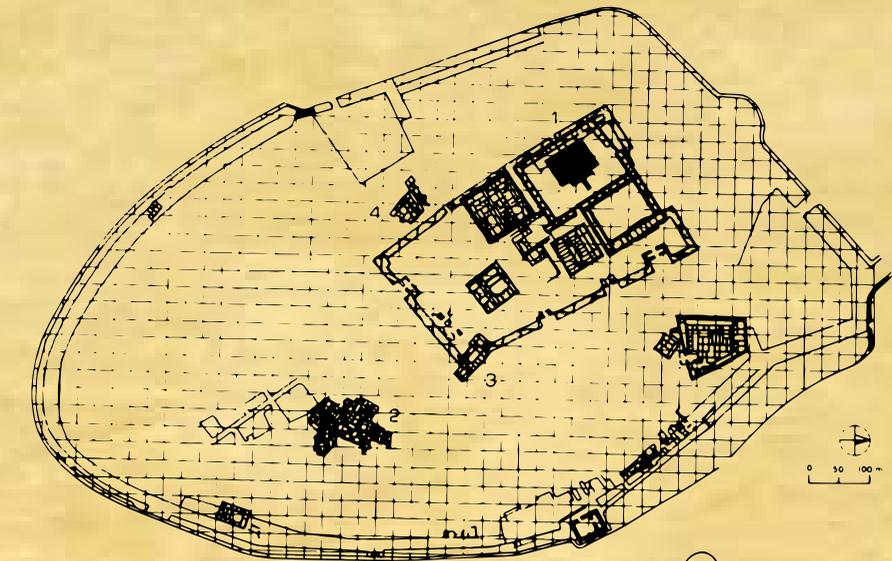
São circundadas por um muro e um fosso, que defendem e que excluem o ambiente aberto natural do ambiente fechado da cidade. Todos os aspectos ambientes são modificados pelo homem, como os pântanos drenados para a prática de agricultura.

Na cidade os templos se distinguem das casas comuns por sua massa maior e mais elevada: compreendem de fato, além do santuário e da torre-observatório, laboratórios, armazéns, lojas onde se vive e se trabalha diversas categorias de especialistas.

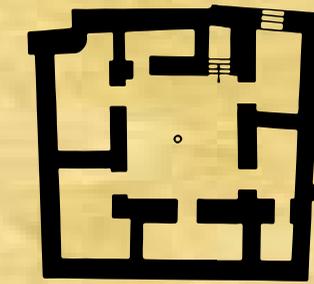
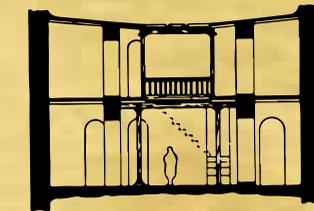
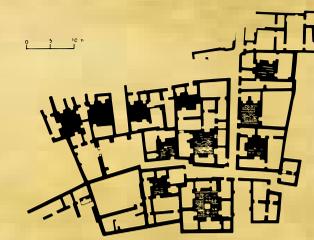
O terreno da cidade já dividido em propriedades individuais entre cidadãos, ao passo que o campo é administrado em comum por conta das divindades

Divisões de terras

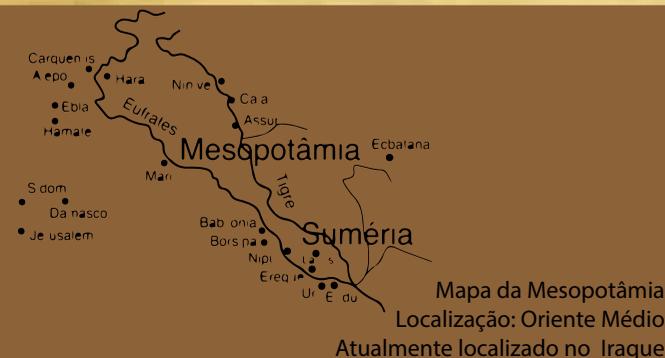
Em Lagash, o campo é repartido nas posses de umas vinte divindades; umas destas, Bau, possui cerca de 3250 hectares, dos quais 3/4, em lotes, são destinados a famílias singulares, 1/4 cultivado por assalariados, por arrendatários (pagam 1/7 do produto final), ou pelo trabalho gratuito dos outros camponeses.



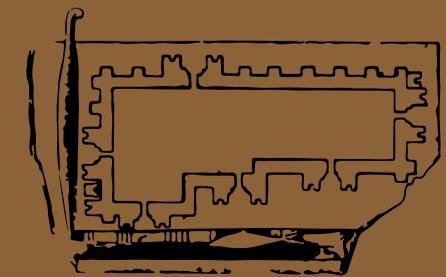
Plantas - na mesma escala - do quartirão 2 e do mausoléu real 3 (que reproduz, em formato maior, a forma da casa).



Planta do quartirão 4; planta e secção da casa embaixo, à esquerda.



Uma tabuinha suméria, com o plano da cidade de Nipur (cerca de 1500 a.C.).



Uma cidade suméria (detalhe da estátua de Gudéia, de Tello: cerca de 2000 a.C.).



A fabricação dos tijolos de argila, amassados com palha e cozidos ao sol, que se usa no Oriente desde os tempos mais antigos até hoje. Os tijolos são depois levados à parede recobertos com nova argila, e formam um produto que se adapta a todas as formas, mas que é degradável pelas intempéries; portanto dura somente se for submetido a uma manutenção contínua.



Aspecto de uma aldeia construída com os tijolos da figura anterior, que existe e funciona na Pérsia moderna, nos arredores de Xiraz, mas é análoga a Ur e às outras cidades antigas.



Estátua de um personagem sumeriano, de Tell Asmar.

BABILÔNIA

É um retângulo de 2500 por 1500 metros, dividido em duas metades pelo Eufrates.

Construções

A superfície contida pelos muros é de cerca 400 hectares, e outro muro mais extenso compreende quase o dobro da área; mas toda a cidade, e não somente os templos e os palácios, parece traçada com regularidade geométrica: as ruas são retas e de largura constante, os muros se recortam em ângulos retos.

Desaparece a distinção entre os monumentos e as zonas habitadas pelas pessoas comuns; a cidade é formada por uma série de recintos, os mais externos abertos a todos, os mais internos reservados aos reis e sacerdotes. Personagens aqueles que frequentam as divindades e têm, portanto, um domínio absoluto sobre as coisas deste mundo.

As casas particulares reproduzem, em escala menor, a forma dos templos e palácios, incluindo pátios internos e muralhas estriadas.



Planta das escavações na zona oriental da cidade; as posições do castelo e da casa junto ao templo de Istar (astarté) são indicadas pelas letras A e B.



Planta do núcleo interno; vista do castelo (os chamados "jardins suspensos"); planta e vista de uma casa nos arredores do templo de Istar.



A estrela de Marducapalidina (714 a.C.), que lembra a doação de um terreno a um vassalo babilônico pelos reis assírios.



Torre de Babel ou Zígarate de Marduk
Torre escalonada com 8 patamares
Função: Templo
Localização: Mesopotâmia,, atualmente Iraque
Época da Construção: 1792-1750 a.C.
Projeto: Autor desconhecido



Os jardins suspensos da Babilônia são uma das 7 maravilhas do mundo antigo. Pensa-se que tenham existido no meio do deserto, onde hoje fica o Iraque. Foram construídos no século VI, AC, por ordem do rei Nabucodonosor da Babilônia.

EGITO



Mapa do Egito Antigo

A origem da civilização urbana não pode ser estudada como na Mesopotâmia: os estabelecimentos mais antigos foram eliminados pelas enchentes anuais do Nilo, e as grandes cidades mais recentes, como Mênfis e Tebas, se caracterizam por monumentos de pedra, tumbas e templos, não pelas casas e pelos palácios nivelados sob os campos e as habitações modernas.

HISTÓRIAS

As primeiras tumbas reais explicam que o soberano no poder conquistou as aldeias precedentes e absorveu os poderes mágicos das divindades locais.

O faraó tem o domínio preeminente sobre o país inteiro, e recebe um excedente de produtos bem maior que o dos sacerdotes asiáticos. Com esses recursos, ele constrói as obras públicas, as cidades, os templos dos deuses locais e nacionais, mas, sobretudo, sua tumba monumental, que simboliza a sua sobrevivência além da morte e garante, com a conservação do seu corpo, a continuação de seu poder em proveito da comunidade.

Estas tumbas aumentam de imponência, embora sua forma externa permaneça bastante simples, uma pirâmide quadrangular.

Como se coloca semelhante obra na paisagem habitada no vale inferior do Nilo?

MONUMENTOS

Os monumentos não formam o centro da cidade, mas são dispostos de per si como uma cidade independente, divina e eterna, que domina e torna insignificante a cidade transitória dos homens.

A cidade divina é construída de pedra, para permanecer imutável no curso do tempo; é povoada de formas geométricas simples: primas, pirâmides, obeliscos, ou estátuas gigantescas como a grande esfinge, que não observam proporção com as medidas do homem e se aproximam, pela grandeza, dos elementos da paisagem natural; é habitada pelos mortos, que repousam cercados de todo o necessário para a vida eterna, mas é feita para ser vista de longe, como o fundo sempre presente da cidade dos vivos.

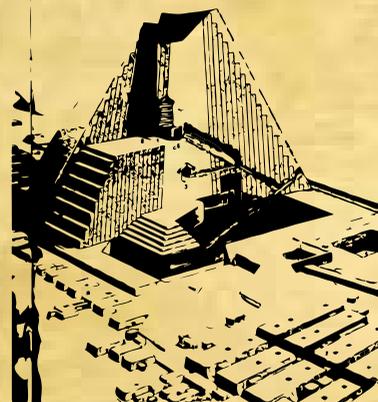
Esta, ao contrário, é construída de tijolos, inclusive os palácios dos faraós no poder; será logo destruída e continua uma morada temporária, a ser abandonada mais cedo ou mais tarde.



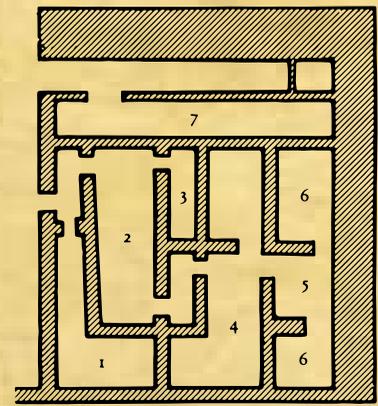
O hieróglifo egípcio que indica a cidade.



Cabeça colossal de um faraó da II dinastia (cerca de 2750 a.C.).



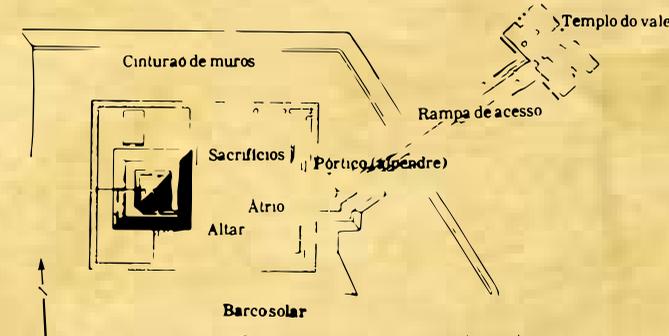
Planta do conjunto das pirâmides de Gizé.



Planta de uma casa da IV dinastia em Gizé (cerca de 2600 a.C.).



Secção da grande pirâmide de Quéops.



O templo solar de Horo em Abusir, da V dinastia (cerca de 2500 a.C.); planta e vista reconstituída.

MORADIAS

Uma parte consistente da população – os operários empregados na construção das pirâmides e dos templos, com suas famílias – habitavam acampamentos junto aos grandes monumentos e, ao término do trabalho, eram abandonados.

CIDADE DIVINA

É uma cópia fiel da cidade humana, onde todos os personagens e os objetos da vida cotidiana são reproduzidos e mantidos imutáveis. As maravilhosas esculturas reproduzem com realismo as fisionomias dos modelos, e os imobilizam numa tentativa de encerrar para sempre também os aspectos fugazes da vida.

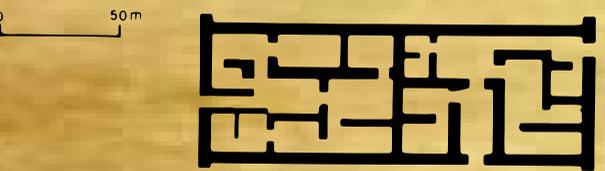
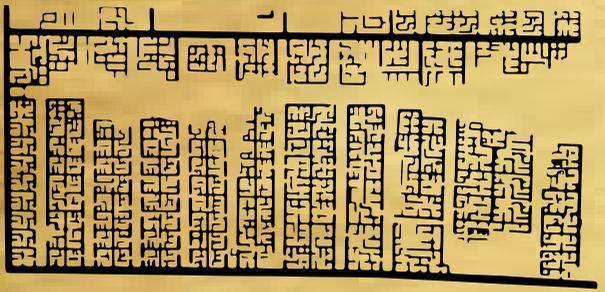
Este intento de construir uma cópia perfeita e estável da vida humana – de acumular os recursos no além, em vez de acumulá-los no mundo presente – não prosseguiu sempre com a mesma intensidade.

CAPITAL DO MÉDIO IMPÉRIO

A capital do médio império, Tebas, ainda está dividida em dois setores: o povoado na margem direita do Nilo, e a necrópole nos vales da margem esquerda; mas agora os edifícios dominantes são os grandes templos construídos na cidade dos vivos — Carnac, Lúxor; as tumbas estão escondidas nas rochas e permanecem visíveis somente os templos de acesso, semelhantes aos anteriores. Entre estes marcos monumentais devemos imaginar as habitações e os arrabaldes, que hospedam uma sociedade mais variada, onde a riqueza é mais difundida. O faraó ocupa o cume desta hierarquia social, e seu poder se manifesta porque pode escolher, para seus palácios ou sua tumba, os produtos mais ricos e acabados; as roupas, as joias e os móveis encontrados nas tumbas reais, fabricados com um trabalho de altíssima qualidade, fazem pensar numa produção ampla e abundante, da qual foram selecionados estes objetos.



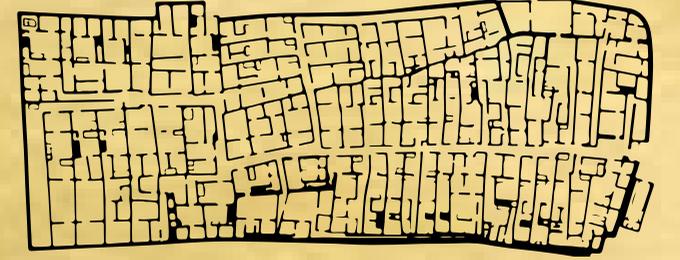
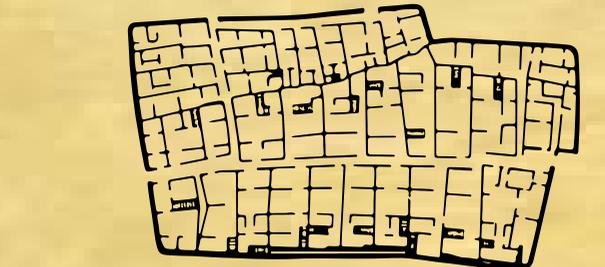
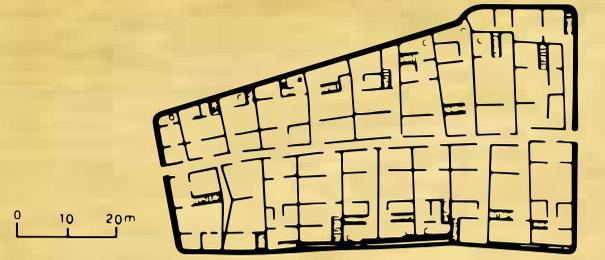
Modelo de um barco de transporte, encontrado numa tumba da XII dinastia (cerca de 1800 a.C.).



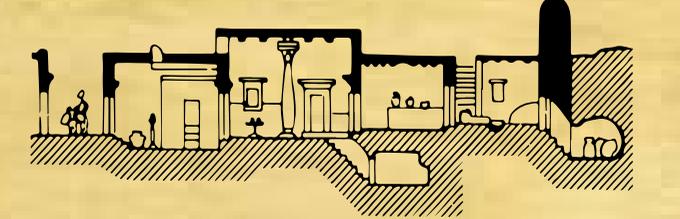
A aldeia de El Lahun, realizada por Sesóstris II (cerca de 1800 a.C.), para os operários agregados à construção de uma pirâmide. Planta do conjunto e de uma casa típica



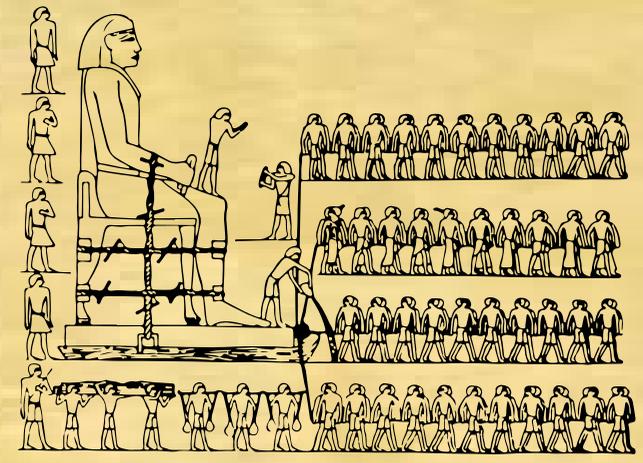
Estátua de madeira de um defunto da XII (cerca de 1800 a.C.).



A aldeia de Deir-el-Medina, construída por Tutmósis I (cerca de 1400 a.C.) para os operários do Vale dos Reis nas proximidades de Tebas, e ampliada em seguida.



Planimetrias e desenhos de uma casa típica.



Um baixo-relevo do Império Médio que representa o transporte de uma estátua colossal sobre um carro sem rodas.



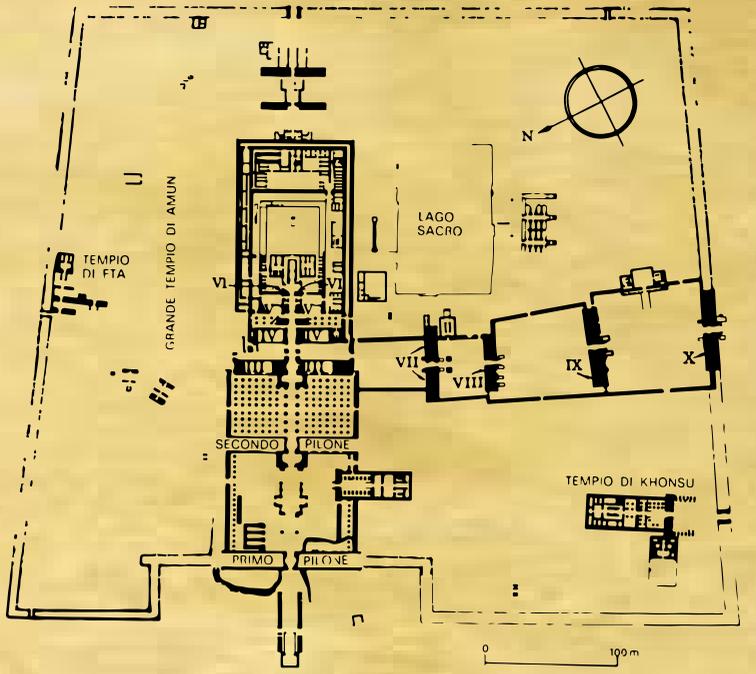
Planimetria geral da zona de Tebas. Os templos na margem direita do Nilo, as tumbas na margem esquerda.



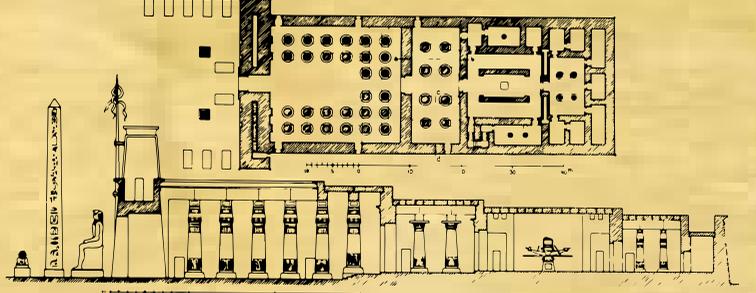
Detalhes da grande sala colunada do Templo de Amon em Carnac, entre o segundo e o terceiro pilar.



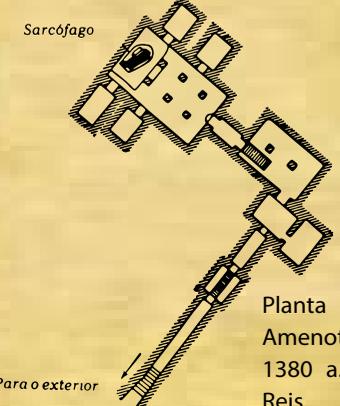
Uma estátua de Amenotep IV, onde o personagem real é retratado com realismo incomum.



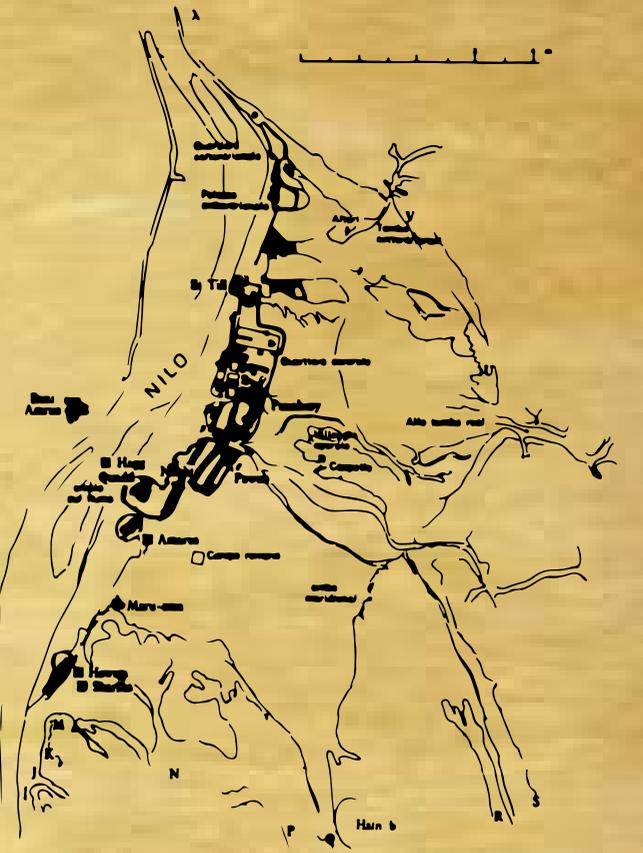
Os templos de Carnac em Tebas; Planimetria geral, planta e seção do Templo de Khonsu. Os algarismos romanos indicam os dez pares de pilares.



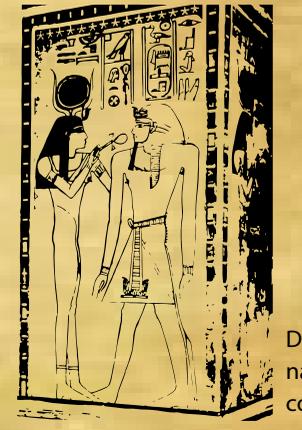
Os templos de Carnac em Tebas; Planimetria geral, planta e seção do Templo de Khonsu. Os algarismos romanos indicam os dez pares de pilares.



Planta da tumba de Amenotep II (cerca de 1380 a.C.) no Vale dos Reis.



Planimetria de Tel-el-Amarna, a nova capital fundada por Amenotep IV (cerca de 1370-1350 a.C.) e abandonada depois de breve período. Esta cidade foi escavada e estudada melhor que as outras cidades egípcias; os palácios, os templos e as casas são estreitamente ligados entre si e formam para nós um quadro mais familiar.



Detalhe das pinturas nas paredes: o faraó com a deusa Hátor.